

História da Oftalmologia

Os primeiros oftalmologistas do Brasil

Prezado Editor,

Recebendo hoje o Vol. 61 nº 2 março-abril de 1998 com excelente apresentação e não menos importante material científico dos Arquivos Brasileiros de Oftalmologia, li na página 259 “História da oftalmologia brasileira”... “Contribuição dos Profs. Luis César Póvoa e Carlos A. Paiva Gonçalves”... “biografia do Prof. Fernando Pires Ferreira que acreditamos ser o primeiro oftalmologista brasileiro e o primeiro professor de Oftalmologia do Brasil”.

Entretanto, na “Evocação dos Oculistas do passado” na abertura do XX Congresso Brasileiro de Oftalmologia no Palácio de Convenções do Anhembi, São Paulo - 5 a 9 de setembro de 1979, escrevi algo em desacordo com o escrito na supracitada página 259 dos Arquivos Brasileiros de Oftalmologia.

Cabe, acredito, algum reparo no próximo número dos Arquivos a bem da verdade histórica, do Primeiro Oftalmologista do Brasil, FRANCISCO ALVARES MACHADO (DE VASCONCELLOS), falecido quatro anos depois do nascimento do Prof. Fernando Pires Ferreira.

Na memória apresentada no XX Cong. Bras. de Oftal., em 1979, publicada nos Arquivos Brasileiros de Oftalmologia, 1979; 42(4):137-82, na página 144 e seguintes, aparecem os nomes de vários formandos pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, assim denominada em 03 de outubro de 1832, cujas Teses de Doutoramento versaram sobre Oftalmologia, a primeira delas em 1840, de autoria de Joaquim Cardoso dos Santos Júnior. Nos anos 40, dez já eram sobre nossa especialidade. E muitas outras foram defendidas, os interessados poderão saber lendo a memória. A do Prof. Fernando Pires Ferreira é a vigésima segunda que consta na Biblioteca Central do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Ilha do Fundão, RJ, datada de 1868. Algumas de conhecidos oftalmologistas, não constam na Biblioteca.

Em 1841 surgiu o primeiro livro publicado no Brasil sobre Oftalmologia, o Manual das Moléstias dos Olhos, de João Antônio de Azevedo, publicado e impresso na Typografia Austral, no Beco do Bragança, 5 - Rio de Janeiro.

VITAM IMPENDERE VERO, deixou-nos Juvenal, que viveu 200 anos antes de Cristo, mote por mim adotado.

Cordialmente, sempre às ordens,
Evaldo Campos

XX Congresso Brasileiro de Oftalmologia (Conselho Brasileiro de Oftalmologia)

São Paulo, 1979

Evocação dos oculistas do passado

*Evaldo Campos
Rio de Janeiro*

No Livro Jubilar do Prof. Ivo Corrêa Meyer, editado em 1969, por ocasião do XV Congresso Brasileiro de Oftalmologia, realizado em Porto Alegre, tivemos oportunidade de homenagear o grande Mestre gaúcho, escrevendo “Trinta anos de evolução da Oftalmologia”. Depois, a “Viagem sentimental pela Revista Brasileira de Oftalmologia”, trouxe-nos o grande prazer de recebimento de correspondência e palavras de apoio pelo que foi escrito.

Estava justificado o convite que recebemos: Éramos um historiador...

Escrever os resultados de pesquisas bibliográficas e biográficas é uma coisa; falar diante de um auditório como o de hoje, é diferente! Exige qualidades que não possuímos!

Quiséramos ter a eloquência de um MOACYR ALVARO, de um HILTON ROCHA, cujas palavras brotavam e brotam fluentes, nascidas de inteligências privilegiadas, prendendo as assembléias com dicção perfeita e o brilho dos conceitos!

Apelamos para as Musas, como fizeram outros. Callíope é convocada para ensinar-nos “o que contou ao Rei o ilustre Gama”. Clio é invocada para nos inspirar. Mas, as verdadeiras fontes foram achadas nas bibliotecas públicas e nos arquivos da Sociedade Brasileira de Oftalmologia, além de informações de colegas mais prestimosos, que nos forneceram dados pedidos.

“Les morts vont vite...”

Há que haver alguém que os relembre, eles que nas suas épocas pareciam imortais...

“Von Standpunkt der Jugend gesehen, ist das Leben eine

Nova Linha Essilor Transitions III. As melhores lentes com a melhor tecnologia fotossensível.



CASA DA CRIAÇÃO

Transitions é a marca registrada de Transitions Optical Inc. - Pinellas Park, Florida.

Atendendo às necessidades do mercado, a Essilor, em parceria com a Transitions Optical, está lançando a Linha Essilor Transitions III. A melhor tecnologia em lentes unida à nova e revolucionária geração Transitions III. Maior estética, maior conforto e maior proteção num só produto. O resultado não poderia ser outro: a satisfação total do usuário final. A Linha Essilor Transitions III está disponível em visão simples, bifocais e nas lentes progressivas:

VARILUX[®]
COMFORT 1.56

VARILUX[®]
COMFORT

VARILUX[®]
EXPERT

ESPACE[®]
plus

unendlich lange Zeit..., escrevia SCHOPENHAUER (Aos jovens, a vida parece eterna).

E aos tolos, também.

Sempre que pensamos na fatuidade de muitos, ciosos de sua sapiência, logo vêm-nos ao pensamento o que restará do infeliz daqui a alguns anos. Os que acham supremos os conhecimentos de hoje, nunca pararam para pensar o que acharão deles os pósteros.

GALILEU abjurou sua teoria celeste e os nomes de seus perseguidores não são sequer lembrados.

A reclinação da catarata, a extração por incisão inferior, a crítica à correção permanente da miopia, o nervo óptico ser o centro da visão monocular, como o quiasma ou da visão binocular, a tecidoterapia que tanto furor fez na década dos anos 30, como vinda de outro mundo, estão a atestar a falibilidade dos conceitos. Sangrias, ventosas, sanguessugas, fumições, drásticos, purgativos, quem os aplica hoje como eram usados?

E que pensarão de nós, no futuro, ao saberem quantos pacientes mutilados, retirando seus cristalinos opacificados, quando seria tão fácil manter a transparência? Foi como escreveu DONATO VALLE, intitulando seu trabalho “Os mutilados do saco lacrimal”, quando lutava pela divulgação entre nós, do seu processo de dacriostomia, simplificando o de DUPUY-DUTEMPS.

E até hoje, mutilam-se, os sacos lacrimais sendo retirados.

Esta EVOCAÇÃO atinge apenas os que já se foram. Não importa que entre os nomes destes, figurem os de vivos, presentes pelos seus méritos, no rol dos mais destacados.

Os nomes dos que contribuíram de alguma forma para o progresso da Humanidade, ou simplesmente lutaram pela sobrevivência, devem ser lembrados. A maioria apenas o é no seio das famílias, em curto prazo.

“Porque este desejo, em todos nós, de que após nosso desaparecimento, devam os vivos, de tempos em tempos, dirigir seus pensamentos para rememorar o nosso nome?”, pergunta DAG HAMMARSKJOLD, no seu livro *Markings*.

Necrológios, homenagens, livros, lápides, bustos, estátuas, nomes em ruas e praças, aí estão para prolongar a memória dos que se foram, a estimular os vivos a imitá-los. É a vaidade que tanto persegue o Homem. Já os romanos faziam escravos segredar aos ouvidos dos Césares, no desfile do Triunfo, as conhecidas palavras “Memento homo” - Lembra-te que és homem - para a vitória não lhes subir à cabeça.

A história da Oftalmologia Brasileira tem uns 130 anos. Nossa primeira cátedra foi criada em 1883, cento e dez anos depois da I Augenklinik da Universidade de Viena, fundada por BARTH, em 1773. E verdadeiramente, a partir daquela data, foi o real começo do ensino organizado, simultaneamente no Rio de Janeiro, com HILARIO DE GOUVEA e na Bahia, com FRANCISCO DOS SANTOS PEREIRA, este ocupando a cátedra de 1886 até 1912.

Antes, os Oftalmologistas do Brasil eram formados na Europa, principalmente em Paris, na clínica do Prof. Louis de

WECKER e com alguns colegas mais afortunados que transmitiam os ensinamentos lá aprendidos.

Faremos rápida passagem pelos nomes de médicos estrangeiros que fizeram referências a doenças dos olhos em nosso país, antes ainda de ser definida a Oftalmologia. Para isto, vamos nos valer do trabalho de HERMINIO CONDE, apresentado no II Congresso Brasileiro de Oftalmologia, reunido em Porto Alegre, em 1937 - Subsídios para a História da Oftalmologia no Brasil.

Nele divide CONDE a Oculística Brasileira em Período Colonial destacando o Ciclo Nassoviano e Período Imperial.

Achamos mais realista a divisão em antes e depois da criação das cátedras de Oftalmologia, já assinaladas.

Permitam-nos começar esta Evocação por dois grandes nomes que muito trabalharam pela Oftalmologia Brasileira, contemporâneos de um bom número de presentes.

HERMINIO CONDE, assim MOACYR ALVARO, por coincidência, ambos falecidos aos 59 anos, muito se dedicaram à Oftalmologia Social e à História.

CONDE morava muito perto da casa de meu Pai e a freqüentava assiduamente, na década dos anos 30: inteligência brilhante, dispersivo, desorganizado quase, esbanjando atividades intelectuais e físicas, lutando por causas ingratas e por muitos rotuladas impossíveis, mereceu homenagem excepcional de SYLVIO ABREU FIALHO, quando publicou na R.B.O., “Herminio Conde, - Evocação de um cavalheiro andante da Oftalmologia”.

Assistimos de perto sua luta pela promulgação de Lei que vedasse o exercício ilegal da Medicina, em particular, que proibisse os “exames grátis de vista”, feitos pelos caixeiros das casas de óptica de então. Sua vitória foi concretizada com o Decreto Lei nº 24.492, de 28 de junho de 1934, que vinha regulamentar uma Lei já velha de mais de 2 anos, o Decreto nº 20.931, de 11 de janeiro de 1932 e levou quase à extinção o vergonhoso e lastimável exercício da Medicina por pessoas incompetentes e não credenciadas.

Em 1938 promoveu o I Curso de Tracomologia do D.N.S.P., de onde era Oftalmologista, programando visitas a fazendas mais intensamente atingidas pela endemia. Nove Cursos foram realizados, diplomando 118 Especialistas.

Ainda naquele ano, com NELSON MOURA BRASIL DO AMARAL, JOÃO CELSO UCHÔA CAVALCANTI e outros colegas, fundou a Liga Nacional de Prevenção da Cegueira, da qual foi Presidente em 1951.

Lutando denodadamente contra o tracoma, apaixonou-se pelas idéias de CHAMS, de Teheran, indo à Meca dos seus sonhos, para observar de perto o processo, criando um aparelho de diatermo-coagulação transistorizado, novidade naquela época, para a destruição dos folículos tracomatosos, causadores a seu ver, das demais lesões córneo-conjuntivais.

Durante 3 anos foi Diretor do Instituto Benjamin Constant e ainda tinha tempo para cultuar MACHADO DE ASSIS, ao qual dedicou um volume - Tragédia Ocular -, atribuindo aos óculos mal-ajustados de míope de 4 D, toda a sintomatologia acusada nos seus escritos pelo autor de Quincas Borba.



Troque sua dor de cabeça diária
por Vídeo Filter diariamente.



Quem usa computador
agora tem opção.

Sem contra indicações!

Quando você passa a **usar** regularmente as lentes azuladas
Vídeo Filter você **reduz** o seu cansaço visual, a sonolência
e aquela dor de cabeça gerada pela **Astenopia**

(sintoma provocado por longos períodos em frente a um computador, vídeo games e televisores).

Use Vídeo Filter hoje mesmo, seus olhos merecem esta proteção.

Distribuído por
plano
VISION

Membro da Academia Piauiense de Letras. e do Instituto Cultural do Cariri, foi Membro Honorário da Associação Médica do Instituto Penido Burnier, da Sociedade de Oftalmologia de São Paulo e da Sociedade de Oftalmologia e Otorino-Laringologia de Porto Alegre.

Na mesma época na qual HERMINIO CONDE destacava-se no Rio de Janeiro, em São Paulo, ocupava a área da Oftalmologia Social o nome de MOACYR ALVARO, antes mesmo de assumir a cátedra de Oftalmologia da Escola Paulista de Medicina.

MOACYR ALVARO era infatigável. Suas atividades encurtaram-lhe a vida.

Diplomado em 1922 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, desde cedo dedicou-se à Organização Racional do Trabalho. Publicou vários artigos sobre o Tema e fundou o IDORT do qual foi Presidente várias vezes e Grande Presidente Emérito.

A parte médica muito lucrou com sua organização e imaginação criadora, desde a construção de cadeira dupla para médico-cliente, até ao planejamento com mínimos detalhes de uma clínica oftalmológica; da aglutinação dos Oftalmologistas brasileiros, promovendo reuniões, que se transformaram em Congressos e Jornadas; implantando a idéia do Conselho Brasileiro de Oftalmologia, concretizada em 1942; realizando cursos anuais, fundando Centros de Estudos; introduzindo a Ortóptica em nosso país, entre outras iniciativas. E depois, estendeu sua ação pelas Américas, compartilhando com HARRY GRADLE e CONRAD BERENS na fundação da Pan American Ophtalmological Association (Associação Pan-Americana de Oftalmologia), iniciando os Congressos Pan-Americanos, cada 4 anos, entremeados posteriormente pelos Congressos Interins; e ainda a Sociedade Sul-Americana Meridional de Oftalmologia, com reuniões bienais. Daí, para o concerto mundial, sendo eleito Membro do Conselho International de Oftalmologia, em 1950, grande honra depois também conferida a HILTON ROCHA.

Tomava parte ativa em todos os Congressos Brasileiros de Oftalmologia, ora nas Comissões Executivas, sempre apresentando trabalhos científicos, co-presidindo o VIII quando se comemorou o IV Centenário da fundação da cidade de S. Paulo, em 1954.

Lutou bravamente na profilaxia do tracoma e sua extinção, escrevendo trabalhos e tomando parte em Comissões, além do relatório ao Ministério da Educação e Saúde e de ser Co-Relator no II Congresso Brasileiro de Oftalmologia, em 1937.

Muito colaborou na Prevenção da Cegueira, desde a década dos anos 30, tomando parte no Congresso de Londres, realizado em 1935; em 1939, representando a National Society for the Prevention of Blindness, no Congresso Mundial de Educação, apresentou trabalho em colaboração com Mrs. ELEANOR BROWN MERRIL, passando a consultor para assuntos latino-americanos.

Ainda introduziu o conhecimento da ortóptica entre nós, trazendo ELIZABETH CASS para Cursos e organizou o primeiro Centro de Treinamento Ortóptico no Brasil.

Foram incontáveis as viagens ao exterior a convite para conferências em Sociedades especializadas e Congressos, fazendo conhecido o nome do Brasil, em troca, trazendo conferencistas para divulgarem em nosso meio, os últimos conhecimentos da Oftalmologia.

Seus assistentes e ele fundaram o Centro de Estudos Oftalmológicos Prof. Moacyr E. Alvaro, responsável por inúmeras realizações, inclusive ministrando cada ano, Cursos de Oftalmologia, organizando o primeiro Curso de Ortóptica, promovendo visitas de professores de grande valor e instituindo a Medalha de Ouro Prof. Moacyr Alvaro, já conferida a onze oftalmologistas, sendo o primeiro a seu Patrono e os demais, IVO CORRÊA MEYER, RENATO DE TOLEDO, HILTON ROCHA, GERALDO QUEIROGA, ALMIRO DE AZEREDO, PENIDO BURNIER, EDILBERTO CAMPOS, CEZARIO DE ANDRADE, HEITOR MARBACK e EVALDO CAMPOS.

Isto é o mínimo que se pode escrever sobre vulto tão destacado da Oftalmologia do Brasil.

Pago este tributo a estas figuras excepcionais, voltamos aos primeiros nomes de alienígenas a fazerem referências às doenças oculares no Brasil.

Lugar de pioneiro cabe a WILHELM PIES, holandês de nascimento, também conhecido pelo nome latinizado de GUILIELMI PISONIS, ou simplesmente PISO, desembarcado em Recife, em 1638, para substituir o médico particular de MAURÍCIO DE NASSAU, Governador Geral do Brasil Holandês.

Muito jovem ainda, pois nascido em Leyde, em 1611, permaneceu até 1644 em nosso país, quando NASSAU voltou à Europa.

Quatro anos depois publicou Medicina Brasiliensis, primeira parte da História Naturalis Brasiliensis.

É impressionante a capacidade de observação do jovem médico, que reuniu dos 27 aos 33 anos um cabedal de conhecimentos realmente notável para sua época, estudando a hemerolopia e seu tratamento pelo figado de peixe lâmia.

A expulsão dos holandeses do Brasil em 1654 levou à proibição da entrada de estrangeiros, mesmo cientistas, originando o atraso em que ficou o nosso país, não acompanhando o surto de progresso europeu e depois das colônias norteamericanas. Justificava-se pelo receio da emancipação do Brasil, o mesmo aliás, que tinham os demais países colonialistas.

Passados quase 200 anos, já depois da abertura dos portos, aparecem escritos de 2 médicos ingleses, GEORGE GARDNER e CLARLES NAYLER, que se intitulou BEY, por ter sido oculista do Vice-Rei do Egito.

O livro de GARDNER, "Travels in the interior of Brazil", traduzido em 1975, na pg. 126, traz referências a 3 operações de depressão da catarata feitas em Oeiras, das quais uma bem sucedida, com recuperação da visão, atribuída a milagre pelos sertanejos. Chegado ao Rio de Janeiro em 1836, palmilhou durante 3 anos o interior do Brasil.

NAYLER BEY, chegado em 1839, teve grande oposição

A Lente 3 em 1



CRIZAL®

anti-risco • anti-aderente • anti-reflexo

Lentes acabadas:

Myoperal: esférico de 0.00 até -8.00, cilindro até -2.00, diâmetro 70mm

Hyperal: esférico de +6.00 até +2.00, cilindro até -2.00, diâmetro 65mm

Orma 15: esférico de +4.00 até -4.00, cilindro até -2.00, diâmetro 65mm (graus positivos) e 70mm (plano, graus negativos)

Rua Visconde de Ouro Preto, nº 5 - 4º andar
Cep: 22250-180 - Rio de Janeiro - Tel.: 0800.211017
www.essilor.com.br



dos médicos brasileiros, tendo a Revista Médica Fluminense de julho e agosto daquele ano, publicado advertências sobre a maneira “mui pomposamente feita de anunciar como o não plus ultra da perícia e habilidade oculísticas”.

Não é possível num resumo citar a centena e meia de nomes destacados, merecendo pelo menos, algumas linhas.

Para preencher omissões, editamos o Dicionário Bio-Bibliográfico dos Oftalmologistas do Brasil, no qual estão citados 4616 Oftalmologistas que exerceram sua especialidade no Brasil e 4830 trabalhos indexados.

Na exposição verbal, acompanhada de dispositivos, diremos um pouco mais do que vai impresso nestas linhas, referindo fatos pitorescos aqui não cabíveis. E o trabalho original, tem 70 páginas datilografadas e um apêndice de mais 22 com as teses de doutoramento sobre Oftalmologia arquivadas na Biblioteca Central da Ilha do Fundão e na Biblioteca Nacional.

O primeiro Oftalmologista brasileiro do nosso conhecimento é FRANCISCO ALVARES MACHADO (DE VASCONCELLOS), nascido em São Paulo, em 21 de dezembro de 1791 e falecido no Rio de Janeiro em 4 de julho de 1846.

Diplomou-se em 1813 pela Escola Colonial de Medicina, fundada por médicos militares portugueses, com a finalidade principal de formar cirurgiões para o Exército Brasileiro. Basicamente, havia cursos de Anatomia, Fisiologia, Clínica e Cirurgia nos hospitais militares.

ALVARES MACHADO clinicou em Itu, Porto Feliz e Campinas, e depois em São Paulo. Aliava a cirurgia geral - talha abdominal, herniotomia e até craniotomias - à Oftalmologia, praticando a reclinação da catarata pelo processo de DAVIEL. Em 1819 foi nomeado cirurgião militar, ingressou na política, chegando a Presidente da Província do Rio Grande do Sul.

Em 1841 surgiu o primeiro livro publicado no Brasil sobre Oftalmologia, o “Manual das Moléstias dos Olhos”, do carioca JOÃO ANTONIO DE AZEVEDO, impresso na Typographia Austral, no Beco do Bragança, 15 - Rio de Janeiro.

Trata-se de um volume de 214 páginas e duas pranchas com várias figuras e se torna digno de nota, pelo fato da especialidade ainda não ser reconhecida oficialmente.

Nas décadas dos anos 40, arrolamos 11 teses sobre Oftalmologia arquivadas nas Bibliotecas e 24 na dos 50.

É quando aporta ao Rio de Janeiro o célebre oculista italiano de nascimento, Charles Joseph Fréderic CARRON DU VILLARDS, naturalizado francês, espírito aventureiro e nômade, que veio trazer maior interesse pela Oftalmologia. Nascera em Annecy, na Alta Savóia, então província italiana, em 1800, e doutorou-se em Turim, em 1820. Discípulo de SCARPA, um dos fundadores da Oftalmologia científica, publicou o “Guide pratique pour l'étude et le traitement des maladies des yeux”, em 1838, com cerca de 1200 páginas, em 2 volumes, colaborando assiduamente nas revistas francesas e italianas. No Brasil continuaria sua produção científica, sendo eleito para Membro Titular da Imperial Academia de Medicina, hoje Academia Nacional de Medicina, SYLVIO ABREU

FIALHO reuniu mais de 30 trabalhos de CARRON DU VILLARDS; em “Adversária Ophtalmológica”, escrito em português, rebate críticas feitas ao seu modo de operar, propõe um duelo “cirúrgico”, comparando os resultados de 2 grupos de pacientes operados por ele e pelo adversário...

Sua curta permanência no Rio de Janeiro, de 1856 (ou 1857?), a 1860, revolucionou o exercício da Especialidade, sendo para ele criado o Serviço de Oftalmologia da Santa Casa da Misericórdia, pelo Provedor MIGUEL CALMON DU PIN E ALMEIDA, Marquês de Abrantes.

Com a morte, ocorrida em 2 de fevereiro de 1820, sucedeu-lhe um dos seus assistentes, JOAQUIM ANTONIO DE ARAUJO E SILVA, nascido em 15 de dezembro de 1827, mais tarde barão de Catete, no Brasil e Visconde de Silva, em Portugal, e que ficou no cargo 3 anos.

BURTON, no seu Livro “Viagem ao planalto central do Brasil”, citado por LYCURGO SANTOS FILHO, descreve as casas dos médicos do Brasil:

“Opulentas, apalaçadas, de mais de um pavimento, foram as habitações de muitos dos mais eminentes médicos das grandes cidades do Brasil. Dentre todas, uma das mais famosas na Corte, a do médico e barão do Catete, solar que pertenceu ao marquês de Abrantes. Casando-se com a marquesa-viúva, o barão conseguiu que a rica mansão, honrada outrora com a visita dos imperadores, mantivesse a costumeira e fidalga maneira de receber a nobreza e os políticos do segundo império”.

Ainda LYCURGO publica anúncio saído no Jornal do Comércio de 25 de maio de 1862, “O Dr. ARAUJO E SILVA, sucessor do Dr. CARRON DU VILLARDS na direção do consultório ophtalmológico, reside à rua do Príncipe, do Catete, 37”.

Depois de ARAUJO E SILVA, o Serviço de Oftalmologia da Santa Casa passou à direção de Manuel da GAMA LOBO, nascido no Pará, em 1832 (ou 1833?), e morto no navio Orenock, em 1883. Foi um dos grandes nomes da Oftalmologia nos meados do século passado, formando grande clínica, ficando conhecidos seus trabalhos sobre Beri-beri.

E chegamos ao nome de HILARIO SOARES DE GOUVEA, incontestavelmente o primeiro destaque excepcional da Oftalmologia Brasileira, sempre em evidência durante sua longa existência.

Mineiro de Caetés, nasceu em 23 de setembro de 1843, médico em 1866, seria nomeado o primeiro catedrático de Oftalmologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, seu nome aparecendo nas teses de 1882 como Professor Substituto e nas de 1883 como Catedrático, título obtido por concurso.

Foi contemporâneo de um pequeno grupo de oculistas de escol, que a nós, sexagenários, embora com eles não tenhamos convivido, nos enchem de admiração, particularmente ao orador, que ouvia palavras entusiasmadas de seu Pai: MOURA BRAZIL, GUEDES DE MELLO, PEREIRA DA CUNHA, PIRES FERREIRA, NEVES DA ROCHA, PAULA FONSECA, RIBEIRO DOS SANTOS, RODRIGUES LIMA, VICTOR DE BRITTO, LEAL JUNIOR.

Cada um destes nomes, muitos dos quais soarão desconhe-

cidos aos mais jovens, tiveram seus dias de evidência no fim do século XIX e nos princípios do nosso.

MOURA BRAZIL talvez seja o Oftalmologista mais conhecido popularmente em todo o Brasil, não só pelas suas qualidades pessoais, como pela divulgação do colírio que leva o seu nome, comercializado por um parente.

E HENRIQUE GUEDES DE MELLO, foi uma das maiores culturas da Oftalmologia Brasileira, Prêmio de Erudição da Academia Brasileira de Letras, pela sua memória "Os comentários e a tradução do XXV Canto do Inferno, de DANTE". Com 75 trabalhos sobre Oftalmologia e Otorrino-laringologia, além dos literários.

O espaço é curto. Nada mais cabe aqui, a não ser a citação dos nomes de outros tantos, que figuram na EVOCAÇÃO:

De São Paulo, ADOLPHO GAD, ATALIBA FLORENCE, EUZEBIO MATTOSO, DAVID OTTONI, GABRIEL RAJA, JAMBEIRO COSTA, FRANCISCO PIGNATARI, PEDRO PIRES PONTUAL, GUILHERME ALVARO, JOÃO PENIDO BURNIER, JOSÉ PEREIRA GOMES, ARISTIDES RABELLO, VALENTIM DEL NERO, FRANCISCO AMENDOLA, AURELIANO FONSECA, CARLOS PENTEADO STEVENSON, EUTHYCHIO LEAL, WALDEMAR BELFORT MATTOS, JOÃO LECH JUNIOR, CARLOS GOMES DE SÃO THIAGO, MANOEL DE TOLEDO PASSOS, JOSÉ MENDONÇA DE BARROS, DURVAL PRADO e muitos outros. JOSÉ ANTONIO ABREU FIALHO, e os professores, seus contemporâneos, CEZARIO DE ANDRADE, LINNEU

SILVA, J. BRITTO, DIOGO FERRAZ, IVO CORRÊA MEYER, ISAAC SALAZAR, LEONIDAS AMARAL FERREIRA, DEUSDEDIT COELHO DUARTE, todos falecidos, que constituíram a segunda geração dos professores. E mais os da terceira, OCTAVIO REGO LOPES, SYLVIO ABREU FIALHO, CYRO DE REZENDE, FRANCISCO FIGUEIREDO, COLOMBO SPINOLA, GERALDO QUEIROGA, ANTONIO AUGUSTO DE ALMEIDA, ROMEU BELTRÃO, JONAS ARRUDA, nossos contemporâneos, com os quais nos encontrávamos em Congressos e Reuniões Oftalmológicas. E finalmente, os que não atingiram as cátedras, mas tiveram seus nomes lembrados, EDILBERTO CAMPOS, MEIRA DE VASCONCELLOS, MARIO DE GOES, AMELIO TAVARES, GABRIEL DE ANDRADE, HENRIQUE DE BRITO E CUNHA, METON DE ALENCAR NETO, JOÃO DE GERVAIS, RUY ROLIM, BARBOSA DA LUZ, no Rio de Janeiro; SANTA CECÍLIA, CASIMIRO LABORNE TAVARES, ALVARO MAGALHÃES, HUMBERTO MARTINS VIEIRA, EDMUNDO SEMERARO, MARIANNA NORONHA, WELLINGTON PIANTINI, CRESCO BARBI, em Minas Gerais.

Finalmente, na palestra, não deixaremos de fazer referências aos 19 Congressos e às 13 Jornadas Brasileiras de Oftalmologia e aos Fundadores das Revistas especializadas.

Sem a leitura do trabalho original, não será paga a dívida que temos para com tantos, que muito fizeram pelo progresso da Oftalmologia Brasileira!

XXII CONGRESSO PAN-AMERICANO DE OFTALMOLOGIA OUTUBRO DE 1999 - ORLANDO - FLÓRIDA

PRÊMIOS PARA OS MELHORES TEMAS LIVRES BRASILEIROS

A Associação Pan-Americana de Oftalmologia promoverá em outubro de 1999 seu Congresso, juntamente com a Reunião da Academia Americana de Oftalmologia.

Como incentivo para jovens oftalmologistas (até 39 anos completados até a data do aceite do Tema Livre), a APAO e os Laboratórios Allergan oferecerão a inscrição do Congresso gratuita como prêmio aos melhores temas livres inscritos.

O Brasil tem direito a indicar oito trabalhos para receberem os prêmios, que serão selecionados pela Comissão Científica.

Os interessados devem enviar seus respectivos trabalhos, em três vias, para a Secretaria Geral do C.B.O. até **01 de Outubro de 1998**.

Maiores informações podem ser obtidas no CBO pelo telefone (011) 287-3737, pelo Fax (011) 285-4509 ou pelo E-mail oftalmo@cbo.com.br

PREPARE SEU TEMA LIVRE - NÃO PERCA ESTA OPORTUNIDADE